



KEILA CARDOSO DOS SANTOS

**O INCENTIVO
DA LEITURA NO
ÂMBITO
FAMILIAR E
ESCOLAR**



KEILA CARDOSO DOS SANTOS

**O INCENTIVO
DA LEITURA NO
ÂMBITO
FAMILIAR E
ESCOLAR**

© 2024 – Editora MultiAtual

www.editoramultiatual.com.br

editoramultiatual@gmail.com

Autora

Keila Cardoso dos Santos

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editores e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/MultiAtual

Revisão: A autora

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237o	Santos, Keila Cardoso dos O incentivo da leitura no âmbito familiar e escolar / Keila Cardoso dos Santos. – Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2024. 55 p. : il. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-6009-085-9 DOI: 10.29327/5408116 1. Hábito de ler. 2. Conhecimento. 3. Criança e sociedade. I. Santos, Keila Cardoso dos. II. Título. CDD: 372.4 CDU: 02
-------	--

Os conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de sua autora.

Downloads podem ser feitos com créditos à autora. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora MultiAtual
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoramultiatual.com.br
editoramultiatual@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.editoramultiatual.com.br/2024/06/o-incentivo-da-leitura-ambito-familiar.html>



**O INCENTIVO DA LEITURA NO ÂMBITO FAMILIAR E
ESCOLAR**

Keila Cardoso dos Santos

O INCENTIVO DA LEITURA NO ÂMBITO FAMILIAR E ESCOLAR

Keila Cardoso dos Santos

Obra baseada no

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Albert Einstein, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Mestre Teina Nascimento Lopes.

Às minhas amadas filhas, Lisa Marry e Lara Sofia, minha humilde mãe Maria do Carmo, ao meu bondoso esposo Adenir Furquim e a Deus pelo dom da vida.

AGRADECIMENTOS

Jesus Cristo pela oportunidade de dias melhores.

São Francisco de Assis pelo exemplo de vivência Terrestre.

Aos meus amigos espirituais pelo amparo.

Aos meus familiares, pelo apoio diário.

A equipe gestora e de professorado da escola Casinha Feliz pela oportunidade de realizar o estágio supervisionado.

À professora coordenadora Adriana Tibery por ter acompanhado o meu crescimento acadêmico.

À professora Teina Nascimento Lopes por ser um exemplo de educadora.

À professora pedagoga Marilza, pela contribuição, dedicação, na construção desta obra.

E todos aqueles que contribuíram direto e indiretamente pelos conhecimentos adquiridos no decorrer deste curso.

Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros.
“Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de
escrever - inclusive a sua própria história.”

Bill Gates

RESUMO

A leitura é um processo que se evidencia através da interação entre os diversos níveis de conhecimentos do leitor, o conhecimento linguístico; o conhecimento textual e o conhecimento de mundo. Sendo assim, o ato de ler caracteriza-se como um processo dinâmico e interativo. Desse modo, esse trabalho objetivou apontar velhos parâmetros (mas não menos importantes na atualidade) de indicativos do incentivo à leitura, proporcionado pelo conjunto social família e escola. O assunto leitura desenvolve-se modificando a visão de mundo, obtendo os domínios das palavras, trocando ideias e conhecimentos, sendo possível entender o universo que cerca. Entrementes, expõem-se no panorama nacional e regional percentuais de leitores, evidenciando os indicativos da colaboração dos Estados Brasileiros, esses constituintes do atual cenário em que se podem estimar as dimensões atingidas no Brasil da extensão do hábito de leitura. Nessa conjuntura essa experiência permite avançar em conhecimentos, alargando assim horizontes. Em linhas gerais, o ato de ler precisa ser fonte de prazer e jamais uma atividade obrigatória, a leitura deve começar a ser sugerida ao indivíduo na mais tenra idade, sendo esse incentivo capaz de manter relação intrínseca com todas as questões que constituem diversas atividades do cotidiano, sendo ainda possível imaginar nesse processo de construção a leitura como a própria natureza humana. De acordo com todos os informativos, nota-se ainda, que 50% da população brasileira encontram-se arreda do hábito de ler.

Palavras-chave: Hábito de ler, conhecimento, criança e sociedade.

ABSTRACT

Reading is a process which is evident through the interaction between the different levels of knowledge of the reader, the linguistic knowledge, textual knowledge and world knowledge. Thus, the act of reading is characterized as a dynamic and interactive process. Thus, this study aimed to point out old parameters (but no less important today) indicative of encouraging reading, provided by the social whole family and school. The reading matter is developed by modifying the worldview, getting the domains of words, exchanging ideas and knowledge, being possible to understand the universe around us. Meanwhile, they expose themselves in the national and regional percentages of readers, showing the indicative collaboration of Brazilian States, these components of the current scenario in which one can estimate the dimensions achieved in Brazil the extent of the habit of reading. At this juncture this experience allows us to advance in knowledge, thus broadening our horizons. In general, the act of reading needs to be a source of pleasure and never an activity compulsory reading should begin to be suggested to the individual at an early age, being able to maintain this incentive intrinsic relationship with all the issues that constitute the various activities everyday life, and it is possible to imagine that the process of building reading as human nature itself.

Keywords: Habit of reading, knowledge, children and society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – A LEITURA E SEUS BENEFÍCIOS NOS ANOS INICIAIS.....	18
CAPÍTULO II – A EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR: PAPEL DE GRANDE IMPORTÂNCIA PARA A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE.....	23
2.1 EDUCAÇÃO: RESPONSABILIDADE DA FAMÍLIA E DA ESCOLA	25
2.2 TIPOS DE LEITURAS	27
2.3 LEITURA E LITERATURA.....	30
2.4 CRIANÇA E LITERATURA	32
2.5 LITERATURA INFANTIL E ESCOLA.....	35
CAPÍTULO III – A FORMAÇÃO DE LEITORES NO SÉCULO XXI (INCLUSÃO DIGITAL) UM PROCESSO MULTIDISCIPLINAR NO ÂMBITO ESCOLAR E FAMILIAR.....	38
3.1 - LEITORES NAS REGIÕES BRASILEIRAS.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
<i>A autora</i>.....	55

INTRODUÇÃO

O termo “letramento” surgiu no contexto das grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, ampliando o sentido do que tradicionalmente se conhecia por alfabetização (SOARES, 2006). Essa expressão tornou-se conhecida no meio educacional e ainda hoje ganha corpo. Dessa forma, letramento é além de tudo, um conjunto de exercícios sociais em que o cidadão se desenvolve de várias maneiras, conforme o contexto social em que está inserido. MAGDA SOARES conceitua letramento como:

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita; é também o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (SOARES, 1998, p.39) apud (CARVALHO, 2010, p. 15).

O letramento está relacionado com obtenção, do uso de papéis da leitura e da escrita em sociedade letrada. Autoridades e educadores estão levantando questões políticas voltadas para metodologia de como alfabetizar, uma vez que é discutido o porquê as crianças brasileiras leem e escrevem mal. O futuro leitor ou leitor assíduo tem que ter conhecimento da autoridade do costume de ler. Saber que o objetivo essencial da leitura é a compreensão, a leitura é uma atividade complexa, entretanto o leitor deve ter uma razão para realizar uma leitura e saber utilizar a leitura e a escrita nas múltiplas circunstâncias cotidianas no mundo de hoje. O artifício letramento está presente na vida das crianças antes mesmo do seu ingresso na escola, conforme cita Bevilacqua & Moret:

Letramento se inicia antes da criança entrar na escola. Observa-se que a criança imita o adulto escrevendo mesmo antes de compreender a função social da escrita e compreende a função social da escrita muito antes de saber propriamente ler e escrever. Pode-se ver a criança em algumas brincadeiras de faz de conta “preenchendo cheques”, “dando recibos”, “lendo livros...” (BEVILACQUA & MORET, 2005, p. 289).

A família tem papel essencial na formação de futuros leitores. Quando a leitura é um hábito no ambiente familiar, as crianças observam seus pais, avós, tios e primos lendo, caso vejam livros pela casa, são levadas as livrarias e outros espaços culturais em que o mesmo está presente. Este contato das crianças com o universo literário poderá despertar nelas o interesse pela leitura e logo o prazer na busca de novos conhecimentos.

A família deve, portanto, se esforçar em estar presente em todos os momentos da vida de seus filhos. Presença que implica envolvimento, comprometimento e colaboração. Precisam estar atentas as dificuldades não só cognitivas, mas também comportamentais. Necessitam estar prontas para intervir da melhor maneira possível, visando sempre o bem de seus filhos. Em outros termos, a família deve proporcionar espaço indispensável para garantir a sobrevivência e a proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como se vêm estruturando (Kaloustian, 1988). Contudo Oliveira retrata:

Estudos em psicologia e em psicolinguística têm apontado à riqueza das falas infantis como instrumento de constituição e veiculação de significados. São falas diferentes de formas adultas de linguagem, mas testemunhas de um processo muito significativo de desenvolvimento da relação entre pensamento e linguagem (OLIVEIRA, 2011 p.45).

No tocante ao desenvolvimento de pesquisas sobre leitura com enfoque no público infantil, instituições de ensino, público e privado, que oferecem educação infantil, fundamental, médio e de graduação com ponto de vista na educação principalmente básica, vem desenvolvendo técnicas e práticas, criando meios dos mais diversificados tipos, de acordo com as necessidades do indivíduo em relação ao incentivo do ato de ler, percebem-se os estímulos ao imaginário infantil, visando à habilidade da leitura. Assim, torna-se de suma importância ressaltar a importância do incentivo a leitura, buscando diminuir a distância, muitas vezes abismal, entre leitor e livro.

Esses estímulos se bem exercidos, como consequência da linguagem (desde a mais tenra idade até a vida adulta), resultará na aproximação de recursos, tais como: livros, revistas, jornais (leiam-se impressos e/ou online). Em presença de tantas necessidades é inquestionável tanto para o ser humano quanto para a sociedade o direito de aprender a ler e escrever e cabe aos responsáveis pelas crianças, proporcionarem, instigar e desenvolver nelas o prazer pela leitura.

Todavia, os recursos utilizados essa realização passam por um momento poderoso de transformação, pois, torna-se cada vez mais comum o acesso das famílias brasileiras a

tecnologia (computador, notebook, net book, laptop, tablet, celular, entre outros), sendo que aparelhos eletrônicos podem proporcionar leituras diárias e constantes.

A leitura é um ato de conhecimento, pois ler significa perceber e compreender as relações existentes no mundo. Nesse sentido define-se a leitura como um ato individual e voluntário que se inicia com a decodificação dos signos linguísticos que compõem a linguagem escrita convencional, mas que não se restringe à mera decodificação desses signos, a leitura é uma busca de índices mínimos e não uma investigação total dos signos escritos. Pois, a leitura exige do sujeito leitor a capacidade de interação com o mundo que o cerca.

Corroborar-se com Oliveira (2011) quando se tem a concepção de que ler é atribuir sentido ao texto, relacionando-o com o contexto e com as experiências prévias do leitor. A leitura é o próprio ato de ver, na sua concretude ou representado por meio da escrita, do som, da arte, é uma experiência constante e pessoal representativa.

Dizia Kleiman (2002) Ler é atribuir sentido ao texto, relacionando-o com o contexto e com as experiências prévias do leitor. A leitura é o próprio ato de ver, na sua concretude ou representado por meio da escrita, do som, da arte, é uma experiência constante e pessoal representativa.

A falta de intimidade com a palavra escrita, com livros, revistas, e jornais entre as crianças não é um problema recente, a leitura é a ponte propulsora para a libertação do pensamento e possibilita desencadear reflexões e desenvolver ações para melhoria da cidadania e desenvolvimento do ser humano. Pesquisadores vêm analisando a importância do incentivo do hábito da leitura no contexto família e escola, sendo essa parceria enfatizada com bastante frequência, como uma das metas para o desenvolvimento da educação de qualidade, bem como o incremento eficiente de todas as etapas de construção do conhecimento.

A Lei 9394/96, artigo 29 afirma que: Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, onde a família e a comunidade têm papel fundamental neste desenvolvimento. Portanto o processo de ensino aprendizagem da leitura na educação infantil deve ser prioridade tanto da escola quanto da família, entretanto professores e pais devem permitir que a criança aprendesse a ler, permitir que a criança construa e desenvolva conhecimento e permitindo e estimulando contato com a leitura por meio de elementos construtores da leitura, que as crianças

tenham contato e interação os diversos artifícios utilizados para que atinjam esses fins. Nessa abordagem o conhecimento da leitura passa a ser uma tarefa interessante, que abre espaço a meditações e altercação em grupos.

Pensar no trabalho de leitura, tanto no espaço escolar quanto familiar significa buscar estratégias diferenciadas para encantar o leitor, seja a criança, seja o adulto, e nesse sentido, é preciso o conhecimento do valor social da leitura, para que se possa construir um aprendizado de referência ao aluno.

O ato de ler, na concepção de Freire (1994) envolve-se diretamente com a realidade do praticante, criando uma relação de percepção entre o texto e o contexto, onde o compreender se faz existir a partir daquilo que é real na concepção de cada indivíduo, possibilitando-lhe assim recriar, refazer e reconstruir o que o outro supôs pronto.

Conseqüentemente tais ações envolvem leitor e produtor de textos em um confronto de opiniões capaz de provocar questionamentos e conclusões de naturezas diversas entre ambos. Nesse processo interrogativo e questionador, as duas partes envolvidas, salienta Foucambert (1994), sofrem a ação, ao mesmo tempo que a praticam.

Jolibert (1994) aponta questionamento como processos que se formam a partir do instante em que o leitor coloca sentido em algo escrito, seja para sua informação ou prazer. No momento em que ocorre o ato propriamente dito, elaboram-se mentalmente as suposições, análises e questões acerca do conteúdo textual.

Esse fato se manifesta dentro dos limites de compreensão interiormente estabelecidos por quem está a praticá-lo, visando a decifrar coerentemente o código escrito, efetuando verdadeiramente a ação pressuposta.

Sandroni e Machado (1987) apontam que a tensão que se estabelece entre o indivíduo que escreveu e o que está lendo o pensamento impresso, origina uma discussão profunda que finaliza com a construção de uma opinião própria a respeito do assunto. Yunes (1987) como também em Foucambert (1994) são concordes em afirmar que o mesmo consiste em uma ação que não se faz existir apenas do olhar, ouvir, escutar, mas, sim, na capacidade do leitor em extrair a essência da mensagem escrita, revelando ao seu próprio senso interpretativo o resultado apurado de tão envolvente tarefa.

A capacidade interpretativa e a qualidade da compreensão variam muito entre os sujeitos leitores que vivenciam situações de leitura. Extrair da mensagem escrita o assunto central requer envolvimento com o texto para descobrir, através do ato em si, objetivos implícitos no mesmo.

É uma temática bastante complexa. Busca-se assim exaltar a contribuição da leitura enquanto um valioso instrumento de emancipação, podendo a mesma oferecer significativa ajuda na formação do leitor. Um trabalho que precisa contar com a participação da família.

A criança que hoje for iniciada nas atividades de leitura, de forma que se sinta cativada, será o leitor de amanhã, independente das funções que ela venha a ocupar na vida. Não se pode, entretanto, impor as vontades particulares de cada educador ou de cada pai, escolhendo livros que acreditam que as crianças irão gostar, mas que foge totalmente do gosto infantil, sem qualquer contribuição para a formação e crescimento dos alunos. É preciso oportunizar também a participação dos alunos nas escolhas, no desenvolvimento do processo educativo com meios para que essa criança possa descobrir suas propensões e interesses, na tentativa de ajudá-lo a construir seu eu pessoal, para tornar-se agente de transformações no mundo atual.

Esta obra tem como objetivo conscientizar as crianças da razão de conhecer as letras e a importância da leitura diária, levando em questão a criança nas séries iniciais o qual é o foco desse trabalho, o tipo de pesquisa será de referências bibliográficas, onde será com certeza dias de leitura em busca de respostas para as mais diversas dúvidas. Este manuscrito será dividido em quatro capítulos, onde serão abordados os benefícios da leitura nos anos iniciais, a importância da parceria escola/família na construção, logo educação das crianças, os tipos de leituras, formação de leitores na era digital, todo o trabalho estará pautado na importância do hábito de ler e de como desenvolver a leitura, tendo como fundamentação teórica conceituados autores que vem pesquisando, discutindo e apresentando resultados fundamentais, demonstrado técnicas para que seja desenvolvida a leitura nos anos iniciais.

CAPÍTULO I

A LEITURA E SEUS BENEFÍCIOS NOS ANOS INICIAIS

O valor que a literatura infantil possui para a obtenção de conhecimentos, recreação, informação e interação, é inestimável. O que se percebe é que os pais poderão criar um espaço da leitura e do prazer, incentivar seus filhos para que tenham contato com os instrumentos da leitura. A leitura é uma grande ala para constituir-se os sentidos. Deve-se sempre explicar para as crianças os benefícios da leitura e os costumes dos benefícios desse ato.

Ler é uma ação que despertará no leitor o desejo do saber, do conhecer, de descobrir o mundo através dos livros. Assim se os pais e familiares próximos começarem a compartilhar momento mágico da leitura com as crianças, estarão criando um laço especial entre eles. Contudo, a criança aprenderá valores humanos, tais como simplicidade, respeito, amizade, sinceridade, e desenvolverá consciência, pois iniciará também o conhecimento de si mesma, expressando conceitos com maior desenvoltura, relacionando-se melhor na sociedade.

Crianças que sabem ler ampliam a sua liberdade de criatividade, imaginação e pensamento, comunica-se de maneira mais clara e coerente consegue com mais facilidade interpretar e expressar seu ponto de vista. De modo geral consegue-se sobre sair em situações desfavoráveis como, por exemplo, em casos domésticos ao utilizar aparelhos eletrônicos, ao realizarem ligações telefônicas, ao ler um recado, entre outras vantagens como nos casos das escolas, ao entender a leitura do colega, ao realizar uma leitura solicitada pela professora, ao ler para atender suas necessidades individuais (sanar uma curiosidade), ao sair pela cidade e poder identificar as escritas em placas, ao restaurante, lanchonete, sorveteria e poder conhecer as escritas no cardápio.

Por fim são inúmeros os benefícios do pequeno leitor. Cagliari (2009) em seu livro “alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu” relata que ensinar a ler a partir da reflexão sobre o

processo de alfabetização, tornando conscientes para o professor e o aluno as regras de decifração da escrita é um verdadeiro desafio. Alfabetizar é uma tarefa árdua e nobre, onde requer do transmissor e receptor, atenção e seriedade, logo possibilitando resultados satisfatórios para ambos.

Nessa abordagem, crianças com acesso a esse panorama de leitura obterão vantagens sociais e culturais em relação às outras que não tiverem esse contato, assim o ideal seria conscientizar o máximo de crianças quanto à importância da leitura no cotidiano. A leitura é um componente mágico na vida de uma criança, quando ela começar a conhecer, apreciar, identificar as letras e palavras será evidente o encantamento e o deslumbre considerando esse maravilhoso desabrochar com a leitura.

Compete ainda ao país ou responsáveis de impedir que enfraqueça e/ou extingue o encantamento pela leitura, os pequeninos devem entender que o saber ler, só traz benefícios a suas vidas. Onde os responsáveis devem buscar dia após dia disponibilizar materiais/ambiente que propiciem a leitura, logo o desejo pelo costume de ler. Saviani afirma que:

Do ponto de vista da educação o que significa, então, promover o homem? Significa tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens. Trata-se, pois, de uma tarefa que deve ser realizada. Isto nos permite perceber a função da valoração e dos valores na vida humana. Os valores indicam as expectativas, as inspirações que caracterizam o homem em seu esforço de transcender-se a si mesmo e a sua situação histórica; como tal marcam aquilo que deve ser em contra posição aquilo que é. A valoração é o próprio esforço do homem em transformar o que é naquilo que deve ser (SAVIANI, 2009, p. 46).

Desse modo, entende-se que a leitura tem se constituído numa temática de extremo valor para o ser humano, marcando presença desde os primeiros instantes de vida, pois, antes de conhecer os símbolos escritos, ele já lê a realidade que o cerca, pois segundo Freire (1994, p. 20) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

O processo tem seu ponto de partida no contexto sócio-cultural em tudo o que pode ser percebido ou sentido, sendo que ler a escrita é apenas sua continuidade.

Realça Freire (1994, p. 20) que:

A palavra dita flui do mundo através da leitura que fazemos deste, mas indo-se mais longe pode-se dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo, ou reescrevê-lo transformando-o através de nossa prática consciente.

Considerando a mesma uma atividade ampla e abrangente, que não se restringe apenas à palavra escrita, embora a expressão “leitura do mundo” tenha sido amplamente adotada, principalmente na linguagem pedagógica, Cagliari destaca seu aspecto semântico, mas releva seu valor “essa leitura do mundo é obviamente uma metáfora, mas nem por isso deixa de ser tão importante quanto à própria Filosofia de vida (1995, p.150)”.

A interpretação que o leitor faz do símbolo gráfico está, pois, diretamente relacionada com aquela que faz do mundo e, assim com o indivíduo percebe toda sua vida e toda sua realidade, baseado nesses conhecimentos e experiências, compreende e interpreta os escritos, variando, por isso, há a individualidade da interpretação de um indivíduo para outro diante de um mesmo texto.

Ainda contando com os ensinamentos de Cagliari (1995, p. 152) “a leitura é na sua essência uma atividade individual”. Decorrente dessa individualidade, cada pessoa lê um texto, interpretando-o ao seu modo, muitas vezes emprestando a isso suas próprias características, tendo como referência sua análise e compreensão do mundo e das coisas que o rodeiam. De acordo com o modo como percebe, sente, vive e conhece os elementos que compõem a realidade à sua volta, reflete, questiona e analisa o conteúdo textual.

Esse fato mostra a relação que existe entre os homens, sendo que a leitura é uma forma de encontro entre eles e a realidade sócio-cultural, e, através da literatura, torna-se possível a imersão no processo histórico, visando a compreender as realizações humanas registradas através da escrita (SILVA, 1992, p. 23).

A identificação do leitor com o texto possibilita recriar a situação lida, concordar ou discordar com o que está escrito, conforme a visão e o conceito que ele tem a respeito do assunto, buscando, através deste, elementos para sua formação ou prática reflexiva.

A leitura contribui para a formação do ser humano, uma vez que oferece assuntos para reflexão e experiências que possibilitam o despertar das emoções e o estabelecimento de parâmetros, desencadeando a auto compreensão do mundo (SOUZA, 1993, p. 17).

Através dela, o indivíduo encontra caminhos que o levam a questionamentos mais profundos acerca de si próprios refletindo no despertar de emoções ocultas ou conflitos mal resolvidos, colocando ante suas próprias dificuldades e problemas, auxiliando-o a melhor compreendê-los a até solucioná-los. Oferece material a ser explorado sobre

qualquer assunto referente às áreas do saber humano, servindo-lhe de auxílio quando necessário.

Ler tornou-se tão necessário em todos os momentos, seja para tomar conhecimento de um aviso, ler bula de remédios, um catálogo telefônico, o manual de instruções do computador, ou qualquer aparelho. Leitura é vivência, necessidade fundamental na vida do ser humano e por tal, não deve ser entendida como papel da escola em formar leitores, mas sim, como uma experiência que deve ser iniciada na família, incentivando todos a se conscientizarem da presença que a leitura assume na vida de cada um.

A quantidade de material impresso que vêm nossos olhos todos os dias nos conscientizam da presença que a leitura faz, induzindo-nos ela mesma a ler, ler muito além daquilo que está escrito nas linhas, interrogando além delas as entrelinhas na busca de respostas formuladas pela agitação cotidiana (CORREA, 1994, p. 33).

“A leitura é ainda um dos melhores prazeres que sobram ao homem, é o meio de reencontrar-se com a solidão” (BECKER et alii, 1980, p. 37), interiorizando momentos de calma e tranquilidade, refletindo seus problemas, externando e liberando tensões que tantas vezes o deixam estressado, ou até mesmo desencadeando violentos conflitos interiores, dependendo do tipo e assunto literário.

O estar só de um indivíduo preenchido por um livro poderá levá-lo a encontrar em si o caminho do recomeço, pois a leitura possibilita rompimento com as barreiras da solidão.

O ato de ler envolve uma direção da consciência para o referencial escrito, capaz de gerar pensamento e construir significado, levando o homem a refletir e repensar inúmeras vezes o assunto lido, pois ler é antes de tudo, compreender o conteúdo lido, embora esse venha a oferecer uma multiplicidade de significados ao ser confrontado por diferentes leitores.

Não lemos todos um mesmo texto da mesma maneira. Há leituras respeitadas, analíticas, leitura para ouvir as palavras e as frases, leituras para reescrever, imaginar, sonhar, leituras narcisistas em que se procura a si mesmo, leituras mágicas em que seres e sentimentos inesperados se materializam e saltam diante de nossos olhos espantados. Há leituras nas quais um sentimento de que o texto parece inteiramente novo, jamais visto anteriormente, é seguido quase imediatamente do sentimento de que ele estava sempre ali, que nós, os leitores, sabíamos que ele estava sempre ali e sempre o conhecíamos como ele era, embora o reconheçamos agora pela primeira vez (MORAIS, 1996, p. 13).

Na leitura encontramos identificação com a nossa maneira de ser, ver e pensar as coisas encontraram também formas opostas à nossa visão de mundo, estabelecendo em nosso interior momentos conflitantes que nos induzem a uma reflexão mais profunda acerca de nós mesmos.

É por isso que ler nos leva por caminhos que nos fazem sair de nós, provocando encontros e desencontros na construção de uma real e única compreensão, a nossa compreensão do escrito, assim como nós concebemos determinadas situações de vivência, assim como nós interpretamos as situações á luz da nossa experiência e visão analítica do mundo, da vida, de tudo enfim. Isso se torna possível por que o ato de ler pode ser atribuído inúmeros objetivos, todos igualmente importantes, diferenciados apenas pela ocasião em que é praticada a leitura, o gosto, a preferência e a finalidade do texto.

Deve-se ler para alimentar e estimular o imaginário. A leitura tem capacidade de nutri-lo como fonte inesgotável onde o pensamento encontra livre trânsito e os horizontes da imaginação não estipulam fronteiras, permitindo viajar por mera indução textual.

Ler para sentir prazer, colocando-se no lugar dos personagens, revivendo, recriando e reconstruindo as cenas, experienciando momentos indefiníveis, extrapolando o texto, sentindo apurado gosto na ação praticada, talvez venha a ser, até que se prove o contrário, o maior e melhor dos objetivos a ser alcançado na prática de tão valioso ato.

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR: PAPEL DE GRANDE IMPORTÂNCIA PARA A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

O ato de educar é muito mais amplo do que simplesmente encaminhar a criança a um estabelecimento escolar. Segundo o dicionário AURÉLIO século XXI (Ferreira, 2000) educar é promover o desenvolvimento da capacidade intelectual, moral e física de alguém ou de si mesmo, instruir-se. A educação em sua totalidade tem como objetivo instruir os seres vivos para que possam viver de modo eficiente e eficaz no seu meio social. De acordo com a lei 9.394 artigos 2º e 3º decreta que:

A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios da liberdade e nas ideias de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I. Igualdade de condições para acesso e permanência na escola; II. Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; (...) IX. Garantia de padrão de qualidade; X. Valorização da experiência extraescolar; XI. Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais (LEI 9.394, artigo 2º e 3º) BRASIL 1996.

A política educacional nacional é muito criticada pela população, no entanto, competem aos professores, educadores, pais e responsáveis atuar constantemente em prol da educação. Essa tarefa consiste em ser imparcial, despidos de preconceitos, seja de gênero, cor, etnia, religião, classe social e intelectual. Oliveira assegura que:

Cabe, pois, ao professor, com seu olhar atento, seguro e disponível, acompanhar as diferentes formas pelas quais a criança, desde o nascimento, se indaga sobre o mundo e sobre si mesma, trilha diversos universos simbólicos, transita entre a cultura erudita e a cultura popular, imerge em situações diversas e emociona-se com o belo e contra a violência, ao mesmo tempo em que vibra com descobertas e reconhece obstáculos (OLIVEIRA, 2011, p. 51).

Dentro do espaço escolar cabe aos profissionais envolvidos no sistema a responsabilidade de cuidar, zelar pela criança que estiver devidamente com a sua situação (matrícula) regulamentada. É percebido que nos últimos tempos o interesse pela leitura vem crescendo por parte das crianças.

As editoras de livros melhoraram muito no que diz respeito a obras infantis em questão de quantidade e qualidade procurando desta forma atender todas as demandas. Pode – se encontrar nas pequenas, médias e grandes livrarias, livros infantis, tanto impressos quanto digitais (gravados em CD e DVD), livros muito bem estruturados, objetivando trazer para as crianças o lúdico, o belo sem deixar de lado a essência educativa, ou seja, aprender a aprender através da leitura. O saber ler liberta o homem da sua incapacidade de pensamento, o hábito de ler engrandece a mente humana. A leitura sustenta crescimento intelectual é a base do conhecimento, a vitamina da mente humana. Os teóricos (Copedi *et al*) proferem:

A educação infantil, enquanto campo de conhecimento, de atuação profissional e de política educacional pública, vem ganhando contornos mais nítidos e com isso as discussões que emanam do seu interior adquirem maior visibilidade e consistência. Favorece essa trajetória a crescente compreensão sobre o processo envolvidos no crescimento e desenvolvimento das crianças desde que nascem bons como nas formas de apropria de significados e na consolidação dos direitos a elas consignados pela sociedade brasileira (COPEDI, 2002, p.9 Apud ANGOTTI, 2010, p. 16).

Enquanto não houver pela sociedade, essa considerada como classe pensante, influenciadora, e atuante, responsável direta e indiretamente pela sistematização educacional, canalização emergencial de toda a energia possível, enfatizando os anos iniciais das crianças, e dedicação assídua de políticas educacionais no tocante a investimentos humano e material no intuito de beneficiar o crescimento humano em sua totalidade e não os interesses individualizados, não haverá o alcance do desejado índice que coloca o Brasil entre os países que a leitura é um hábito, incentivado pela família e escola desde a mais tenra idade.

Cabe ainda ressaltar que no campo social, leia-se escola: diretores, coordenadores, professores e administrativos, enquanto família, políticos, em específico os representantes da educação: ministros, assessores e outros representantes legais das políticas públicas educacionais, priorizarem não só de forma oral, mas sim na prática para o avanço e desenvolvimento da educação em busca de melhorias no mais variado setor.

Com a prerrogativa de que principalmente na base inicial do indivíduo priorizando sempre o bem estar desse.

2.1 EDUCAÇÃO: RESPONSABILIDADE DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

Não há educação fora das sociedades humanas e não existem homens isolados. Na medida em que o homem cria, recria e decide, vão se formando as épocas históricas (PAULO FREIRE). A percepção de liberdade é a matriz que dá sentido a uma educação que não pode ser efetiva e eficaz senão na medida em que os educandos nela tomem parte de maneira livre e crítica. Este é um princípio essencial das organizações do incentivo dos círculos de leitura¹. Aquele que aprender a ler, apropriada da linguagem ao mesmo tempo em que expressa uma situação real². São vários os estudiosos que se preocupam com as questões da leitura, de como incentivar a ler e quais são as melhores técnicas, qual é o tipo adequado de leitura para cada faixa etária, como fazer com que as crianças tenham acesso à leitura nos anos iniciais de suas vidas.

Qual é o papel e como deve ser a participação dos pais e responsáveis neste processo. Os teóricos: Solé (1998), Freire (2001), Yunes (2002), Mortatti (2004), Ferreiro (2007), Soares (2008), entre outros, permitem que se realizem pesquisas sobre o assunto letramento e leitura. Ações³ vêm sendo feitas para o incremento da literatura na educação infantil e adulta, principalmente no contexto escolar e social.

¹ Índice de Leitura no Brasil. Apenas 19,4% das escolas públicas do ensino fundamental têm uma biblioteca. As que possuem, em sua maioria, reservaram uma sala pequena e sem atrativos para construir ali o espaço que deveria servir de incentivo à leitura. Os profissionais que cuidam do acervo costumam serem os que não gostam ou não se identificam com as salas de aula. Os dados são da Avaliação Diagnóstica do Programa Nacional Biblioteca da Escola, pesquisa desenvolvida, em 2005, pela Associação Latino-Americana de Pesquisa e Ação Cultural em 196 escolas de ensino fundamental localizadas em 19 municípios de 8 estados brasileiros.

² Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. “Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história.” Bill Gates.

³ Timidamente as melhorias vêm acontecendo em torno da educação, não se pode omitir que alguns membros da sociedade, tais como: grupos de pessoas, envolvidas diretamente com as melhorias social, tais como ONG, grupos religiosos e pessoas físicas, realizam projetos de pequeno, médio e grande porte, envolvendo o sistema educacional entre eles podemos citar o incentivo da leitura, bibliotecas e brinquedoteca fixas e moveis foram criadas em praças, calçadas, casas de apoio destinado aos doentes, físicos, mentais entre outros, grupos de estudantes das mais diversas áreas principalmente os estudantes dos cursos de licenciaturas (letras, pedagogia, histórias, geografia, filosofia, sociologia...) trabalham com projetos em sua maioria de caráter municipal, ao incentivo da leitura, em locais diversificados: em hospitais, pronto atendimento da saúde, nos terminais coletivos, rodoviários e aéreos, supermercados, centro culturais e religiosos. Pesquisas realizadas pelo Ministério da Cultura (MEC), no dia 11 de agosto de 2010, apontam que o índice de leitura no Brasil aumentou 150% nos últimos dez anos. Passou de 1,8 livros por ano em média, para 4,7. Apesar do aumento, a presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), Sônia Machado Jardim, disse que o índice de leitura anual no Brasil ainda é pequeno comparado ao

Existem no Brasil, empresas públicas, particulares, pessoas físicas, desenvolvendo atividades, projetos e disponibilizando materiais, tudo em prol da ampliação e estímulo a leitura. Percebe-se que os contextos educacionais e familiares estão mais voltados para a formação do indivíduo nas séries iniciais, exemplo disto é percebido nas creches, escolas públicas e privadas da educação infantil onde cada vez observam-se crianças de menos de dois anos de vida inserida no sistema escolar, situação esta que há um tempo não se via com tanto frequência. No Brasil existem inúmeras instituições de ensino que se dedicam somente a educação infantil, contudo as dificuldades de encontrar vagas são calamitosas, principalmente na rede pública, sendo ela Municipal, Estadual e Federal. Assim interessante se faz uma análise da Lei 9.394 (1996):

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (LEI 9.394. Artigo 1^a) BRASIL 1996.

De acordo com a LEI 9.394, de 20 de dezembro de 1996 Art.1^o a educação envolve toda a totalidade social, desde familiar até a escolar, mas ainda existem atitudes populacionais onde muitos indivíduos pais e/ou responsáveis) deixam toda a responsabilidade de educar suas crianças para as escolas, diante de tal fato, as escolas percebendo a pouca efetividade e/ou ausência da família começaram a solicitar cada vez mais o comparecimento desses, convidando-os para o envolvimento educacional/escolar, com o intuito de aproximar família e escola. Perante essa junção, a escola vem orientando em muitos casos sobre a importância dos pais darem continuidade à educação, digo intelectual, em seus lares, procurado assim eliminar o tabu que lugar de aprender é na escola.

A escola deve ser uma parcela responsável, em mediar à troca de conhecimentos, colaborar na formação intelectual, social e na formação humana das crianças, não cabe total responsabilidade a sistematização escolar. Pelo desenvolvimento das crianças. Citelli descreve que:

Vale à pena lembrar que a “crise da linguagem” é a crise da escola, que é extensão da própria crise social, econômica, que, de um ou outro modo, acompanha a sociedade brasileira. No interior dessa crise estamos nós, como educadores, preocupados com uma melhor formação dos nossos

de países mais desenvolvidos. Ministério da Cultura anunciou na segunda-feira (23), Dia Mundial do Livro e dos Direitos do Autor, investimentos de R\$ 373 milhões para o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) em 2012.

alunos. Desse modo, um primeiro passo que nos cabe dar no interior da precariedade é respeitar os alunos, reconhecendo, inicialmente, que ele tem uma história para ser contada. Ou seja, a criança que está a nossa frente, olhando muitas vezes espantada, parecendo ressoar como coro de uma situação que a transcende, possui uma linguagem, e a nós cabe deixá-la fluir, tão plena que possa fazer sentido, tão forte que possa funcionar como defesa ou ataque, e que seja capaz de interagir com as outras linguagens (CITELLI, 2012, p.18).

Indivíduos que possuem o hábito de leitura conseqüentemente terão facilidade na escrita, diante deste pressuposto não há dúvidas que a educação em sua concretude é um bem incalculável para a vida humana, podendo sobressair as mais simples e complexas dificuldades, pois conhecimento traz as pessoas autonomia, alvedrio e o desapego ao senso comum, fazendo com que o mesmo adquira o senso crítico, substituindo a velha frase “*Eu acho*” para “*Eu sei*”. Enfim ler, interpretar, refletir e compreender, são características essenciais para uma vida melhor.

2.2 TIPOS DE LEITURAS

Para melhor compreender a importância que a leitura assume na vida em sociedade, importante se faz a contribuição de Barbosa (1992):

Na diversidade de situações sociais com que se defronta, o leitor deve mobilizar estratégias adequadas, de acordo com sua intencionalidade no ler. Ironicamente, a única estratégia ensinada pela escola – a oralização da escrita – revela-se pouco eficaz em todas as situações de leitura do mundo contemporâneo. Esse fato foi estabelecido através de observações rigorosas de comportamento do leitor diante de uma variedade de situações. É importante tentar precisar a que correspondem estas diferentes situações de leitura... (BARBOSA, 1992, p.121).

Podemos distinguir, nas situações de leitura possíveis, seis grandes grupos:

Leitura de informação: é a situação de comunicação por excelência, que aparece cada vez que uma mensagem é visada a fim de completar uma lacuna no nosso conhecimento sobre aspectos da vida cotidiana, por exemplo. É a leitura informativa dos jornais, revistas, instruções diversas, coleta de dados para fins utilitários, normas, regimentos, etc. A atividade do leitor dirige-se, essencialmente, a tomar conhecimento do conteúdo da mensagem, sem preocupação de registro duradouro da informação. Esse tipo de mensagem requer uma leitura rápida e precisa sem qualquer envolvimento afetivo pessoal.

Leitura de consulta: é utilizada todas as vezes que procuramos uma informação pontual num conjunto complexo de informações: dicionários, anuários, enciclopédias, guias de endereços, catálogos, etc. Muitas vezes a leitura de informação precisa ser feita sem dar importância para o restante do conteúdo da notícia ou da informação. É um tipo de leitura muito particular, que exige uma exploração visual científica e seletiva, dissociada da compreensão global do texto. Toda a atenção perceptiva obedece à intenção de localizar a informação visada.

Leitura para a ação: é extremamente frequente e mecânica, antecede, oriente ou modifica um comportamento ou ação, necessariamente não exige uma formulação mental, bastando que o leitor coordene leitura e ação. Como a compreensão da mensagem deve se traduzir numa atuação, trata-se de uma leitura rápida, seletiva, de lançar os olhos. É a leitura de placas de sinalização, de orientação, de avisos, de instrução. É também a leitura de cartazes de rua, das receitas de bolo, das regras de um jogo, dos manuais de montagem, etc.

Leitura de reflexão: é uma leitura mais densa, caracterizada por momentos de pausa na leitura para reflexão. O ato de ler toma uma forma silenciosa, integral, com retornos constantes para a retomada de ideias já desenvolvidas. É uma leitura de prestígio, normalmente relacionada ao trabalho intelectual e aos estudos superiores: teses, ensaios, obras filosóficas, literárias, etc.

Leitura de distração: contrariamente à leitura de reflexão ou de busca de informação, o objetivo aqui é o relaxamento, a distensão, a evasão, a aventura, o passar o tempo. É a leitura que coloca em jogo uma disponibilidade afetiva, emocional e encontra certa resistência, herdada de uma sólida tradição escolar, por se tratar de uma leitura sem objetivos culturais ou educacionais explícitos. É a leitura do puro prazer, mas é uma leitura que exige do leitor um domínio perfeito do ato de ler, o leitor não deve despender esforço algum para a sua efetivação. Ela pode tomar a forma da leitura para espantar o tédio das salas de espera, dos percursos das viagens onde o leitor passa o tempo folheando uma revista ou outra publicação, captando aqui e ali uma nota, um fato, uma notícia, etc.

Leitura de linguagem poética: é aquela em que o leitor, além de visar o conteúdo veiculado pelo texto, busca se deleitar com a sonoridade das palavras. É, por exemplo, a leitura de poesia, cujo prazer do conteúdo está ligado, também, ao prazer da forma, a dimensão musical das palavras ou do texto.

Como se observa, podemos ter várias atitudes perante a leitura. Ela é uma atividade profundamente individual e duas pessoas dificilmente fazem uma mesma leitura de um texto, mesmo científico.

Ao contrário da escrita, que é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão. Por isso, a escola que não lê muito para seus alunos e não lhes dá chance de ler muito, está fadada ao insucesso, e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer aos seus alunos (CAGLIARI, 1990, p.150).

Compreendemos que o ato de escrever faz parte das atividades diárias do ser humano, o conhecimento do mundo e sua descoberta marcam a presença do homem no universo. Assim, para Simone de Beauvoir, “*escrever é desvendar o mundo*”, mais do que desvendar, realizar de maneiras diferentes as leituras que o mundo oferece, permite ao aluno/mestre, ao aluno e ao professor, todos escritores em potencial, uma disponibilidade maior para o ato de escrever.

Como não nascemos sabendo ler, aprendemos ler à medida que vivemos.

Do mundo da leitura, para a leitura do mundo, o trajeto se cumpre, refazendo-se, inclusive, por um ir e vir, que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estritos círculos da escola. Mas pode, perfeitamente, começar lá (MENIN, 1995, p.64).

O essencial é ter claro que não se ensina à criança o que é ler, porque a leitura não é um saber, mas sim uma prática. Portanto, é lendo que a criança aprende a ler.

Na prática docente é preciso haver um interesse por parte do professor em ajudar o aluno a despertar para esse universo de leituras, utilizando textos de diversas naturezas, textos que surjam do cruzamento de linguagens variadas e textos da literatura que criam a possibilidade de o indivíduo explorar dimensões não usuais do imaginário coletivo e pessoal.

Na orientação da leitura dos alunos, na escolha do livro a indicar, nos textos e no próprio livro didático, alguns aspectos devem ser observados pelo professor, no sentido de tornar esta atividade prazerosa e fluente no processo ensino-aprendizagem:

– Levar em conta o grau de treinamento em leitura que o aluno possui. Este aspecto não está relacionado à idade do aluno (ou série), mas, treinamento do leitor.

– Observar a estrutura da obra, ou do texto, para contribuir no entendimento do aluno.

– Levar em consideração o interesse do aluno. O professor pode incentivar a leitura levando para a sala vários instrumentos que ajudarão no processo, tais como: revistas, jornais, brinquedos, ou caracterizando problemas mais próximos da criança.

O importante é ensinar a ler, estimular e criar o hábito de leitura nos alunos, procurando estabelecer uma íntima coerência entre o leitor e o universo recriado, deixando que estes penetrem na obra através de sua sensibilidade e seus interesses.

Somente quando o aluno é capaz de ler e compreender a leitura é que se torna um verdadeiro usuário da linguagem. E esse é um pressuposto para ser um cidadão no sentido pleno da palavra.

2.3 LEITURA E LITERATURA

Na perspectiva de contribuir no incentivo da leitura no âmbito familiar e escolar, há que se exaltar a contribuição da literatura, como fonte de fantasia, imaginação e criação, oferecendo aos pais e professores a oportunidade de um trabalho lúdico, prazeroso, repleto de construção do aluno, uma vez que a Literatura Infantil pode contribuir de várias formas para a aprendizagem e desenvolvimento da criança, em seus aspectos cognitivos, afetivos e também para o seu convívio social. São inúmeros os benefícios que a criança pode ter através do contato com o mundo literário. Oliveira (2007, p. 20) trata deste assunto afirmando que:

Será, portanto, com uma bagagem de formação que inclua a Pedagogia da Comunicação que o professor poderá contribuir para que a Literatura Infantil, além de enriquecer o imaginário e a fantasia da criança possa leva-la a se encantar e emocionar diante de uma história e possa se identificar, re-conhecer e enriquecer a realidade por ela vivida.

Ainda, segundo Oliveira (2007), ao trabalhar com Literatura Infantil na sala de aula, o professor estará proporcionando à criança segurança para que ela lide com sua realidade, com a de seus colegas e com a cultura em que estão inseridos. Afinal, as crianças acabam assumindo o papel das personagens e assim conseguem enfrentar seus medos e conflitos de maneira positiva.

Os alunos passam também a trocar impressões, a compartilhar suas ideias, seus entendimentos e criam novas situações a partir das histórias originais vivenciadas na sala de aula. Dessa forma, começa a ser trabalhada a autonomia na criança, quando se oferece a ela a possibilidade de mudar de perspectiva no jogo de papéis que as histórias oferecem.

Além disso, quando se permite a liberdade para expressar ideias e sentimentos sobre o que se vivencia na história, viabiliza-se um espaço para a criatividade do indivíduo, de modo que seja crítico, capaz de gerar ideias, de pensar por si só, de expor seus sentimentos, sua visão de mundo.

No entanto, é de suma importância que as crianças tenham contato com a literatura desde muito cedo, para descobrir o mundo e a si mesmo. Abramovich (2006) trata muito bem desse assunto em sua obra. Resgatamos aqui um trecho no qual a autora faz a seguinte afirmação: “Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (p. 16).

Abramovich (2006) aponta a importância da Literatura Infantil na vida da criança, independentemente da sua idade. Por isso é indispensável a presença do livro infantil na sala de aula, já que a escola é um espaço cotidiano da criança. Vale lembrar ainda, que os livros não devem ser usados como um ornamento na sala de aula, mas devem ser explorados pelo professor e principalmente pelo aluno.

Para a autora, não importa se a criança é ou não alfabetizada, o importante é que ela tenha a oportunidade de conviver com o mundo mágico das histórias infantis. E, nesse caso, cabe ao professor, assim também como aos pais, fazer esta ponte que liga o real ao imaginário. Isto só é possível através das histórias dos contos de fadas, das lendas, das fábulas, enfim, dos diversos recursos que a literatura nos oferece. Seguindo ainda o pensamento da autora, onde ela afirma que através das histórias podem-se despertar vários tipos de sentimento e emoções importantes “como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, a alegria, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais” (ABRAMOVICH, 2006, p. 17).

Apesar de todos esses fatores positivos, ao ouvir as histórias, a criança vai ampliando a visão de mundo que traz consigo. Assim, as histórias contribuem para a formação de valores, como também possibilita o seu ingresso no imaginário e conseqüentemente favorece o seu poder cognitivo.

Assim sendo, nada melhor que uma boa leitura para que a criança vá perdendo seus medos através da assimilação do seu cotidiano com o dos personagens das histórias infantis. Com o tempo ela passa a ter intimidade maior com aqueles seres fantásticos que acabam misturando fantasia com realidade e, quanto maior a afinidade, maior a confiança

que a criança depositará em seus “companheiros” de aventura e, como consequência, ela terá mais confiança em si própria e nas pessoas à sua volta.

Quanto mais confiança a criança tiver a respeito de si mesma e do mundo que a rodeia, maior será sua capacidade de se relacionar com as outras crianças e até mesmo com os adultos. Tendo um bom convívio social, esses pequenos seres humanos terão muito mais chances de desenvolver sua capacidade de criar, imaginar e agir nesse mundo cheio de mistérios e desafios que é o mundo dos adultos.

A este respeito, Coelho (1993, p. 137) afirma que:

Mais do que dar exemplos ou conselhos, a literatura inovadora propõe problemas a serem resolvidos. Tende a estimular, nas crianças e jovens, a capacidade de compreensão dos fenômenos a provocar ideias novas ou uma atitude receptiva em relação às inovações que a vida cotidiana lhes propõe (ou proporá) e também capacitá-los para optar com inteligência nos momentos de agir.

Para isso, se faz tão importante que o professor estimule a leitura em sala de aula e que o faça de maneira prazerosa, não por obrigação. É preciso que o professor crie situações nas quais as crianças se sintam atraídas pelo mundo da literatura. É dever do educador apresentar este universo encantado a seus educandos, assim também como despertar neles a curiosidade e o interesse pelas histórias infantis.

Segundo Abramovich (2006, p. 144)

Há muitos caminhos para a discussão, a descoberta, a crítica em relação à história lida/contada. A partir de uma história lida pela turma ou para a turma existem várias questões a serem exploradas dependendo do tema de cada uma. Por isso mesmo é que vale a pena o professor investir no trabalho com a Literatura Infantil em sua sala de aula, pois, com certeza, o resultado será maravilhoso e ele só colherá bons frutos.

São recursos importantes que muitos colaboram no trabalho da Literatura Infantil.

2.4 CRIANÇA E LITERATURA

As crianças são sujeitos em plena formação e boa parte dessa etapa da vida elas passam na companhia dos educadores. O que coloca nas mãos dos educadores, a responsabilidade de fazer com que ela tire o maior proveito possível dessas horas indispensáveis em que estarão sob a responsabilidade dos educadores.

Cabe ao educador encaminhar seus alunos na melhor direção possível. Apontar os caminhos possíveis de serem seguidos e ajudá-los a organizar suas ideias, seus pensamentos e ampliá-los cada vez mais. Fazendo assim com que a criança cresça em todos os sentidos e que desenvolva suas habilidades, tanto físicas quanto psicológicas. O trecho abaixo representa assim a possibilidade de uma reflexão sobre o trabalho feito com crianças, nas lições da autora Abramovich (2006, p. 163), alertando que:

Há tantos jeitos de a criança ler, de conviver com a leitura de modo próximo, sem achar que é algo do outro mundo, enfadonho ou chato [...] É uma questão de aproximá-la dos livros de modo aberto – seja na livraria ou na biblioteca [...] Se a criança é a única culpada nos tribunais adultos por não ler, pede-se o veredicto inocente... Mais culpados são os adultos que não lhes proporcionam esse contato, que não lhe abrem essas e outras tantas trilhas para toda maravilha que é a caminhada pelo mundo mágico e encantado das letras.

Cabe aos adultos a tarefa de introduzir as crianças nesse universo encantado que é o mundo das letras. Se as crianças não estão lendo, não estão se interessando pela leitura, alguém deve estar se eximindo da sua obrigação que é apresentar esta janela para que as crianças adentrem nessa aventura maravilhosa chamada literatura.

Tanto a escola quanto a família devem abrir os olhos e se atentarem para que as crianças venham a ter formação de qualidade. A leitura é indispensável para a inserção na cultura em que vivem. No entanto, para que isso aconteça é necessário que se crie hábitos de leitura, e isso é uma construção diária que deve ser implantada desde muito cedo na vida da criança.

Oliveira (2007) em sua pesquisa, demonstra que há a necessidade de o professor estar ciente do papel da Literatura Infantil na formação de valores que dirigem a sociedade. Zilberman (1982) chama a atenção ainda para que a escola não acabe transformando este momento tão maravilhoso que é o contato com a literatura em oportunidade para incutir na criança um ponto de vista que não é o dela, através de um narrador que traz consigo as censuras e normas impostas pelos adultos. É assim o adulto interferindo no imaginário da criança e incutindo nela sua ideologia.

Realça Zilberman (1982, p. 21) que:

Além disso, enquanto instituições, as escolas e a literatura podem provar sua utilidade quando se tornarem o espaço para a criança refletir sobre sua condição pessoal. Pois, de um modo ou outro, escola e literatura infantil têm sido o que restou para a infância [...] E de dominação procede

do gosto soberano do adulto, os fatores de sua emancipação podem derivar de uma nova aliança entre esses dois sujeitos.

Cavalcanti (2004) também compartilha da opinião de que devemos tomar cuidado na maneira que será abordada essa literatura em sala de aula. Há de se cuidar para que o professor não a apresente para as crianças como uma tarefa, uma obrigação, pois agindo assim as crianças jamais tomarão o gosto pela leitura porque a concepção que ela terá do livro será de algo chato, enfadonho que o professor lhe impôs e por isso deixa de ser interessante.

Segundo essa autora, “a leitura não pode ser vista como um sacrifício, que se faz por obrigação ou mesmo de punição. Ler tem de ser algo de desejado, algo que faça tanta falta quanto o pão para a boca” (CAVALCANTI, 2004, p. 8), ou seja, a leitura deve ser algo que a criança deseje, deve ser vista por ela como algo que lhe dê prazer, pois só assim há de se estimular as crianças na prática da leitura. Só assim elas terão gosto por ler e não verão a leitura como uma obrigação.

Por outro lado, Radino (2001), observou que os contos de fada são vistos pelos professores apenas em sua função pedagógica, pois eles valorizam demasiadamente a escrita e acabam menosprezando a oralidade. Para Radino (2001, p. 74) o grande problema é que:

Em sua função alfabetizadora, a escola passou a valorizar de tal forma o livro e a letra impressa, que acabou subestimando a linguagem oral [...] A oralidade, a leitura e a escrita são atividades integradas e completares, sendo que o primeiro contato da criança com o texto se dá através da narração oral, independente de estar ou não vinculado ao livro.

O professor utiliza a leitura de histórias muito mais como suporte para alfabetizar do que para proporcionar momentos de distração, de divertimento. No entanto, não é levado em consideração o momento mágico que essas histórias podem proporcionar às crianças. As histórias a serem contadas ou lidas para as crianças não devem ser vistas como obrigação o compromisso maior deve ser o de abrir as portas para a imaginação, para um mundo aleatório ao que ela de fato vive. Um mundo onde tudo é possível, onde ela possa ser livre das cobranças diárias dos adultos que as rodeiam.

Nesse mundo também tem espaço para o aprendizado, porém isso se dá por meio das experiências vividas, das afinidades com os heróis e o desprezo pelo bandido, enfim, pode até ocorrer esse aprendizado, porém de uma forma leve, espontânea e natural.

Apesar disso, a Literatura Infantil está fugindo do que deveria ser sua função na educação das crianças. A maneira com que os adultos, tanto pais como professores têm lidado com ela, visto que deveria ser prioridade ao ler um livro ou contar uma história. Não se agrupam mais as crianças em roda para ouvir uma boa história apenas por diversão, para sonhar de olhos abertos e adentrar no mundo da imaginação, um mundo mágico, cheio de possibilidades e aventuras inigualáveis. Sempre que uma história é contada tem que ter uma finalidade, um objetivo a alcançar com aquela leitura. Tanto faz na escola ou em casa, há sempre uma cobrança do adulto em relação ao livro lido pela criança. Dessa forma, a escola e os adultos em geral acabam sufocando o gosto que a criança passaria a ter pela literatura por meio da leitura dos livros e textos literários. Por isso, os professores precisam rever seus conceitos sobre a maneira de lidar com a Literatura Infantil para que ela venha a trazer benefícios para a formação das crianças e não traumas e aversões.

Há uma intrínseca relação entre Literatura infantil e escola, até hoje constatada em grande parte dos textos destinados à infância. Deixa-se o lúdico de lado, este que deveria ser o fio condutor do desenvolvimento infantil através da literatura e predomina, então, a função pedagógica, fazendo da arte mecanismo de controle da criança.

2.5 LITERATURA INFANTIL E ESCOLA

Não é tarefa fácil desvincular a Literatura Infantil das ações pedagógicas, pois essa concepção está enraizada e vem se perpetuando através de gerações. Afinal, a Literatura Infantil, segundo a autora, foi criada com o objetivo de educar as crianças desde que essas deixaram de ser adultos em miniaturas e passaram a ter suas singularidades.

No momento em que a infância passou a existir, então surgiu a necessidade de se redigir textos que fossem especialmente destinados a esses pequenos seres humanos. Como as crianças precisavam ser alfabetizadas, utilizavam-se textos literários para estas finalidades, já que não se possuíam muitos recursos didáticos naquela época. Era através da literatura infantil, principalmente dos contos de fadas, que a criança aprendia lições importantes para a sua vida. Por meio dos bons exemplos contidos nos livros, na maioria das vezes, as mensagens contidas nesses livros eram de submissão e obediência ao adulto. Portanto, predominava o controle e a repressão. Segundo Zilberman (1982, p. 16):

A aproximação entre a instituição e o gênero literário não é fortuita. Sintonia disto é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professoras, com marcante intuito educativo. E até hoje a literatura infantil permanece como colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança.

É de extrema urgência que se rompa com esse paradigma em torno da literatura infantil e se faça uma nova leitura do seu papel na educação. E, para que isso aconteça, cada um tem que fazer a sua parte. Tanto pais como professores devem passar a apresentar o livro para as crianças, de forma natural. É muito importante que se crie o hábito de ler apenas por ler. Assim sendo, os benefícios que a literatura proporciona para a formação e para o desenvolvimento da criança virão naturalmente. E o melhor lugar para dar os primeiros passos rumo a essa transformação é a sala de aula, na qual o professor deve ser mediador dessa maneira diferente de conceber os hábitos de leitura.

De acordo com Zilberman (1982, p. 16):

A sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Revela-se imprescindível e vital um redimensionamento de tais relações, de modo a transformá-las eventualmente no ponto de partida para um novo e saudável diálogo entre o livro e seu destinatário mirim.

Como afirma Zilberman, é na sala de aula o lugar onde se pode trabalhar melhor o gosto da criança pela leitura. Está nas mãos do professor a chave para abrir essa nova porta de entrada da cultura da arte, do entretenimento, da ampliação do imaginário, enfim, do conhecimento de mundo.

Depende do bom senso do educador exercer ou não o poder transformador a ele destinado. A atitude consciente do educador conduzirá seu educando por um caminho de libertação através da leitura ou irá deixá-lo continuar seguindo as regras, as ideologias impostas pelos adultos. Porém, para que isso aconteça, é necessária a familiarização da criança com o mundo literário. Através da leitura ela poderá construir suas próprias ideias, fazer relação do real com o imaginário e chegando enfim à suas próprias conclusões.

Na perspectiva de se formar sujeitos conscientes, críticos, capazes de interagir num mundo complexo, recheado de ideologias, dogmas e paradigmas, é preciso formar bons leitores, e, não há caminho melhor para inserir a criança no mundo literário que o da

Literatura Infantil. Mas como já realçado, é importante que essa inserção seja feita de maneira saudável e a escola é um espaço privilegiado a esse conhecimento, que deve ser estimulado, motivado, enfim, trabalhado com o aluno.

Os estudos de Cavalcanti (2004, p. 80) apontam que:

A escola tem que promover a criatividade, estimular a capacidade de sentir e refletir, produzir saber e conhecimento que sirvam para a organização de uma sociedade mais equilibrada, A tarefa não é fácil. Mas também, não é impossível. Por isso, psicólogos, pedagogos e professores têm que convocar os pais para que assumam seus papéis e compreendam a importância disso, também para a formação do gosto pela leitura.

Cavalcanti nos alerta que a tarefa de construir uma sociedade mais justa e equilibrada através da leitura não é tão fácil assim. Todavia, não existe nada impossível quando se tem vontade de mudar, de fazer a diferença em favor de si próprio e da sociedade em que se vive.

A autora chama a atenção também para a importância dos pais se comprometerem e assumirem que eles, mais que ninguém, são peças fundamentais na educação de seus filhos. Só assim escola e pais, trabalhando juntos, serão capazes de promover um tipo de educação mais interessada na formação de seres humanos capazes de pensar por si só, de abrir horizontes e reinventar a forma de ver o mundo. E essa deve ser a contribuição mais importante da Literatura Infantil para a educação, possibilitar o ingresso no mundo da imaginação, da fantasia. Essa fantasia que se faz tão necessária para que a criança amplie sua capacidade de criar, inventar, imaginar e interagir no mundo real ao qual pertence.

Assim, a Literatura Infantil é um trabalho que pode colaborar nessa relação direta entre família, escola e leitura, uma vez que pode ser iniciada em casa e ter a continuidade na escola, o que requer pais comprometidos com a aprendizagem de seus filhos, que não tenha começado na escola, mas sim, no convívio familiar, na leitura de mundo, e o momento da escolarização é apenas a continuidade de um trabalho que precisa ser iniciado em casa, com a plena participação dos pais.

Destaca-se que a escolar precisa ter nos pais apoio, auxílio e parceria, para que realmente aconteça a construção do conhecimento pleno, em que o aluno/cidadão poderá fazer uso desse saber para agir no mundo na perspectiva dialética, sendo um agente de transformação.

CAPÍTULO III

A FORMAÇÃO DE LEITORES NO SÉCULO XXI (INCLUSÃO DIGITAL) UM PROCESSO MULTIDISCIPLINAR NO ÂMBITO ESCOLAR E FAMILIAR

O mundo moderno realiza' um apelo constante aos recursos gráficos, seja por meio da escrita ou da imagem. Mesmo antes de entrar na escola, os alunos têm larga experiência com o mundo letrado, pois é diário o contato com letreiros, outdoors, embalagens de produtos industrializados, sem falar na presença massificada da televisão (e em muitos casos até mesmo do computador) nos lares brasileiros. Um trabalho de leitura, de formação de leitores precisa abordar tipos diversificados de textos, pois o mundo está em mudança constante e é preciso avançar de acordo com a tecnologia.

Todavia, no âmbito escolar percebemos que os alunos cada vez mais se desinteressam pela leitura, e é aí que se questiona a prática pedagógica, o ensino e incentivo da leitura em sala de aula e as propostas de ação que podem levar as crianças a se tornarem leitores competentes. Investir na formação de leitores é uma tarefa urgente. É preciso apostar que é possível ir muito além da alfabetização e que sujeitos leitores são capazes de olhar reflexivamente a realidade à sua volta e de fazer a opção de mudá-la de alguma forma

A Educação vem sinalizando importantes mudanças em sua caminhada. Muito se tem buscado por formas de compreender o indivíduo, em especial sua capacidade de aprender e agir em seu meio. O ensino não existe isoladamente da sociedade; sendo assim, conseqüentemente é influenciado pelas mudanças políticas, econômicas e sociais existentes em sua realidade.

As inovações trazidas pela contemporaneidade proporcionam uma reanálise de muitos conceitos utilizados até então, uma vez que novas formas de trabalho, ensino, conhecimento e aprendizagem são vivenciadas em diferentes ambientes. Todas essas

transformações apontam para a necessidade de estudos mais amplos sobre o verdadeiro sentido da educação.

Torna-se clara a grande responsabilidade que cabe à escola, como instituição e aos professores como agentes da educação. Seu desempenho é de suma importância no que diz respeito ao desenvolvimento do processo de ensino.

O ensino depende de uma prática educativa que tenha como eixo, a formação de um cidadão autônomo e participativo. Essa prática pressupõe que os alunos sejam sujeitos de seu processo de aprendizagem e que construam significados para o que aprendem, por meio de múltiplas e complexas interações com os objetivos de conhecimento, tendo, para tanto, o professor como mediador.

O conhecimento não é concebido como uma cópia do real incorporado diretamente pelo sujeito: pressupõe uma atividade, que ocorre à medida que o indivíduo recebe os conhecimentos organiza-os reintegra-os aos já existentes. Conforme destacam Fernandes e Andreu (2001, p. 15), valorizar a realidade do aluno é fundamental para que tenhamos uma alfabetização interessante e eficiente:

O aprendiz é um sujeito protagonista do seu próprio processo de aprendizagem. É alguém que vai produzir, pois irá transformar as informações que recebeu em conhecimento próprio para melhor assimilá-la. Essa construção, pelo aluno, não se dá por si mesma e no vazio, mas a partir de situações nas quais ele possa agir sobre o que é objeto do seu conhecimento, pensar sobre ele, recebendo ajuda, sendo desafiado a refletir, interagindo com outras pessoas.

Fernandes e Andreu (2001, p. 15) esclarecem ainda que para que ocorra a aprendizagem é necessário um sujeito ativo, que dê sentido às informações que estão disponíveis, buscando recursos suficientes para avançar. O conhecimento não é gerado do nada, é uma permanente transformação a partir do conhecimento que já existe.

Nenhum processo educativo se dá no vazio, mas entre pessoas, num determinado contexto de vida social, por isso o que se refere à educação e à escola, passa a ser do interesse de todos e não apenas de alguns. A educação tem, a princípio, como finalidade, promover mudanças desejáveis e relativamente permanentes nos indivíduos, e que estas venham a favorecer o desenvolvimento integral do homem e da sociedade. Portanto, se faz mister que a educação atinja a vida das pessoas e da coletividade em todos os âmbitos, visando à expansão dos horizontes pessoais, o desenvolvimento bio-psico-social do sujeito, além da observação das dimensões econômicas e o fortalecimento de uma visão

mais participativa, crítica e reflexiva dos grupos nas decisões dos assuntos que lhes dizem respeito.

Partindo dessas considerações, faz-se necessário que esteja sempre presente na escola um trabalho voltado para a conscientização e reflexão do sujeito - mundo, além da valorização do saber trazido pelo aluno, oferecendo através deste processo de aprendizagem condições ao aluno de expressar seus sentimentos, seus pensamentos, compará-los, compreendê-los e superá-los.

A aprendizagem, e, conseqüentemente, a educação do aluno, é, nessa visão, algo que decorre, diretamente, da ação do aluno. O professor deixa de ser o detentor único e exclusivo de informações e conhecimentos cuja absorção define a aprendizagem do aluno, e passa a ser, principalmente, o motivador, o incentivador, o animador, o instigador, o facilitador do aprendizado do aluno (tanto no aspecto cognitivo como nos aspectos afetivo-emocional e interpessoal), sendo necessário, para tanto, que organize "ambientes de aprendizagem" que sejam capazes de aperfeiçoar as oportunidades de aprendizagem dos alunos - aprendizagem significativa, flexível, transferível para outros contextos, e, por isso mesmo, duradoura.

Para os defensores dessa visão, o papel principal da escola, é fornecer aos alunos o maior número possível de ambientes que favoreçam a aprendizagem do aluno, aprendizagem esta que ocorre quando o aluno, em interação com esses ambientes, desenvolve estruturas cognitivas (emocionais, interpessoais, etc.) que se traduzem em competências e habilidades que lhe permitem, acima de tudo, continuar a aprender e aprender sempre.

Educação não é dádiva. Segundo Freire (1983, p. 45) o ato de estender algo a alguém é um "equivoco gnosiológico". Estende o conhecimento até a "fonte da ignorância", sem permitir que aquele que recebe o conhecimento possa refletir e questionar, não é um ato, educativo e formativo, mas um ato de opressão, que destrói todas as potencialidades do homem, tornando-o apenas um objeto capaz de produzir o inútil e entendê-lo.

O ensino alcança vãos maiores, ultrapassando os limites da escola, possibilitando novas formas de comunicação entre as pessoas. A complexidade da escola atual exige uma multiplicidade de formas para aprender. A internet, o mundo globalizado, o conhecimento estabelecido de forma virtual, são algumas ferramentas que a tecnologia tem proporcionado à modernidade, contribuindo para a inclusão de todos, possibilitando a construção da autonomia do aluno no processo de aprendizagem.

Educar é um ato de cumplicidade, de troca, de amor. Educar é ato de vida, o caminho e o encontro da felicidade. Educar é arquitetar e construir o futuro. O grande desafio da sociedade contemporânea está aí: educar! Garantir, pelo conhecimento, a liberdade e o desenvolvimento dos povos.

Sabe-se que nenhuma interação humana será tão bem-sucedida quanto pode ser se uma ou ambas as partes temerem a autoafirmação e a auto expressão normais. Pode-se afirmar, então, que o que os discentes precisam dos docentes para desenvolver a autoestima e respeito, benevolência, motivação positiva, além de adquirir conhecimentos essenciais e desenvolver habilidades vitais.

Faz-se necessário, que o professor se assume enquanto um profissional do humano, social e político, tomando partido e não sendo omissos, mas sim definindo para si de qual lado está, pois se apoiando nos ideais freireanos, deixar claro se está a favor dos oprimidos ou contra eles. Posicionando-se então este profissional não mais neutro, pode ascender à sociedade usando a educação como instrumento de luta, levando a população a uma consciência crítica que supere o *senso comum*, todavia não o desconsiderando (GADOTTI, 1998).

O aluno da contemporaneidade é diferente dos de décadas recentes na medida em que pergunta e interfere com muito mais desembaraço. Ele dispõe de informações (TV, rádio, mídia impressa, internet, CDs, etc.) que vêm a ele em tamanha quantidade – não necessariamente em qualidade - como jamais a humanidade conheceu. Frequentemente vem com estruturas de pensamento que competem com as estruturas do docente.

Demanda informação de qualidade (ciência, ética, estética) e reivindica direito ao debate dessas informações. Ele demanda uma relação pedagógica ativa, por excelência. Também, postula uma renovação profunda da escola – talvez ele não saiba explicitar isso. O professor, com certeza, deve aprender a ler isso no comportamento do discente. É preciso que a relação pedagógica seja mediada pela busca, por redefinições e por formação de pessoas críticas e participativas.

Um dos desafios da educação escolar é formar leitores na mais tenra idade e ampliar o índice de leitura daqueles que já sabem ler, entretanto esse repto educacional deve ser inserido em todas as áreas curriculares, história, geografia, matemática, química, física, biologia e português, já que todos os educadores são intercessores de linguagem. São extensas as discussões de professores e estudiosos de como ensinar e aprender a ler. Profissionais do ramo educacional têm ressaltado estreitas relações da leitura com o

cotidiano das crianças dos jovens e adultos principalmente na era da tecnologia (computadores, notebook, netbook, laptop, tablet, ipad, ipod, iphone, smarth-fone e celulares) são instrumentos de leituras na sociedade contemporânea, onde as ferramentas das redes sociais, (*blog, MSN, skype, Orkut, youtube, twitter, facebook* e outros) são mídias digitais no incentivo a leitura, diante de todo cenário digitalizado a democratização e o incentivo a leitura vem facilitando o trabalho objetivado.

O educador português José Morais em uma entrevista na revista *Pátio* ano IV dezembro de 2012/fevereiro de 2013 relata que “os jovens de hoje lêem mais do que os das décadas de 1980 ou 1990, porque a leitura na tela de computador, de e-book e de celular também é leitura”, a rede educacional vem implantando e incentivando a inclusão digital nas escolas da rede pública e privada, uma vez que as aulas trabalhadas de forma conectadas é um atrativo a mais para as nossas crianças e jovens, sendo um dos motivos que leva aos professorados utilizarem ao seu favor as ferramentas tecnológicas.

O uso do computador torna-se, a cada dia, mais popular na educação escolar. Lévy (1998, p.29) já anunciava tal comportamento,

Já no começo do século XXI, as crianças aprenderão a ler e escrever com máquinas editoras de texto. Saberão servir-se dos computadores como ferramentas para produzir sons e imagens. Gerirão seus recursos audiovisuais com o computador, pilotarão robôs. O uso dos computadores no ensino prepara mesmo para uma nova cultura informatizada.

A tecnologia representa um avanço ao conhecimento, num espaço em que o ser humano interage com o mundo, estabelecendo a comunicação, produzindo novos conhecimentos. Porém, não basta fazer uso da tecnologia sem investigar toda a sua importância e contribuição, tanto para alunos quanto para professores, e fazer uso apenas por modismo em nada vai elevar a valiosa contribuição que essas ferramentas podem acrescer à prática docente bem como ao aprendizado do aluno.

Nesta direção, é necessário fazer uso da tecnologia enquanto uma ferramenta de apoio ao aprendizado, podendo abrir muitos horizontes, e que muitas vezes, o aluno não poderia contar com esse apoio em sua casa. Isso reforça a necessidade de uma prática docente de ação e reflexão, os fatos e situações cotidianas que envolvem o seu fazer profissional. Assim, é necessário segundo Litwin, (1997, p. 33): [...] encontrar, na tarefa docente cotidiana, um sentido para a tecnologia, um para quê. Este “para quê” tem conexão com o verbo *tictein*, com a ideia de criação, de dar à luz, de produzir.

Nesse sentido, interessante se faz conhecer a evolução da leitura no Brasil, buscando assim, nas regiões brasileiras um demonstrativo sobre a percentagem de leitores.

3.1 - LEITORES NAS REGIÕES BRASILEIRAS

Investigações voltadas para a leitura são realizadas por pesquisadores preocupados com as formações de leitores, nas cinco regiões brasileiras no intervalo de cinco anos (2007 e 2011). Conforme os comparativos de cada região destacam-se os seguintes dados, conforme descritos na tabela 1.

TABELA 1. Percentagem de leitores em ordem decrescente.

Regiões	Total de leitores em percentagem (%).		Leitores (%)		Milhões de leitores	
	2007	2011	2007	2011	2007	2011
Centro Oeste	07	08	59	53	7,1	6,6
Nordeste	25	29	50	51	24,4	25,4
Sudeste	45	43	59	50	43,4	38,0
Norte	08	08	55	47	7,5	6,6
Sul	14	13	53	43	13,2	11,3

Mediante ao exposto comparando as médias dos anos 2007 e 2011, verifica-se que há uma redução de 55.2 para 48.8% respectivamente, desse modo há um indicativo de que 6,4% dos leitores de alguma forma deixaram de ler. Todavia, os maiores e menores percentuais de leitores do ano 2011 são das regiões Centro Oeste (53%) e Sul (43%), sendo que somente as regiões Centro Oeste, Nordeste e sudeste estão acima da média nacional, entretanto as regiões Norte e Sul encontram-se abaixo da média nacional, quando comparados aos anos da referida tabela.

Na Figura 1 é mostrada o variante no número de leitores separados por sexos e idade.



FIGURA 1. Percentuais de leitores brasileiros analisados por gênero e faixa etária.
 FONTE: Ibope Inteligência/Fundação Pró-livro.

Essa figura (1) destaca os dados dos leitores em relação ao sexo e faixa etária, com variação de 14% entre os dois sexos, sendo que o sexo feminino sobressai. Essa diferença nos convida ao questionamento: quais são os fatores estimulantes que levam as mulheres a lerem mais do que os homens?

Os maiores percentuais de leitores estão entre as entre 30 a 39 anos. Nota-se novamente que o gênero feminino ganha destaque ocupando o primeiro e segundo lugar, por incentivar a leitura (Figura 2).

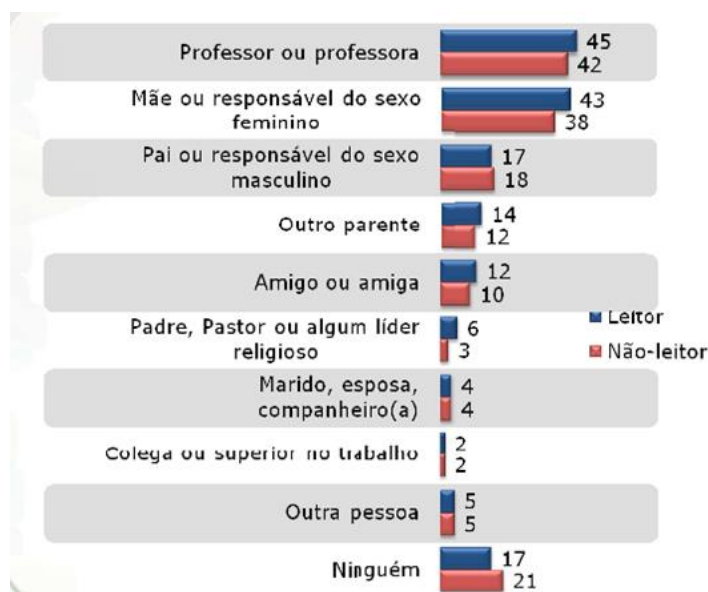


FIGURA 2. Quem mais influencia a leitura no Brasil.
 FONTE: Ibope Inteligência/Fundação Pró-livro

De acordo com a figura 2 verifica-se maior influência e incentivo da leitura pelos educadores com 45%, seguidos pelas mães ou responsáveis do sexo femininos (43%), com diferença de 2%. O terceiro são os pais ou responsáveis do gênero masculino,

atingindo um diferencial de 26%. Esses são preocupantes, uma vez que cabe aos pais de modo geral incentivar o hábito de ler, independente do sexo, esse panorama nos convida a repensar nossos conceitos em relação a delegação de atividades lúdicas pela família.

Na pesquisa ilustrada abaixo é possível notar que os livros indicados pelas escolas ocupam a terceira colocação nas entrevistas realizadas em 2011, tendo diferença de 19% em relação ao primeiro classificado no mesmo período do ano (Figura 3).

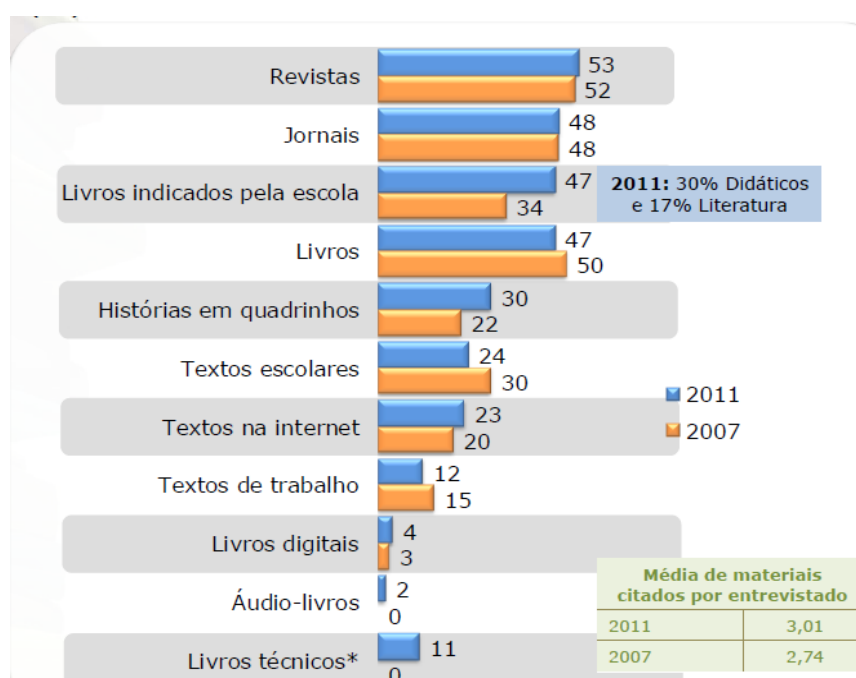


FIGURA 3 O que os brasileiros mais gostam de ler.
 FONTE: Ibope Inteligência/Fundação Pró-livro.

Essa estatística leva a crescente preocupação de estudiosos e pesquisadores que a cada momento vêm buscando meios de como democratizar o tão importante hábito de leitura, ou seja, o índice de leitores no Brasil tendo como base os anos de 2007 e 2011 reduziu consideravelmente, situação está que exige especial atenção de toda sistema educacional e suas políticas, sendo que medidas devem ser tomadas com objetivos de aumentar gradativamente e consideravelmente os números de leitores no território nacional.

As crianças são sujeitos em plena formação e boa parte dessa etapa da vida elas passam na companhia dos educadores. O que coloca nas mãos dos educadores, a responsabilidade de fazer com que ela tire o maior proveito possível dessas horas indispensáveis em que estarão sob a responsabilidade dos educadores.

Cabe ao educador encaminhar seus alunos na melhor direção possível. Apontar os caminhos possíveis de serem seguidos e ajudá-los a organizar suas ideias, seus pensamentos e ampliá-los cada vez mais. Fazendo assim com que a criança cresça em todos os sentidos e que desenvolva suas habilidades, tanto físicas quanto psicológicas. O trecho abaixo representa assim a possibilidade de uma reflexão sobre o trabalho feito com crianças, nas lições da autora Abramovich (2006, p. 163), alertando que:

Há tantos jeitos de a criança ler, de conviver com a leitura de modo próximo, sem achar que é algo do outro mundo, enfadonho ou chato [...] É uma questão de aproximá-la dos livros de modo aberto – seja na livraria ou na biblioteca [...] Se a criança é a única culpada nos tribunais adultos por não ler, pede-se o veredicto inocente... Mais culpados são os adultos que não lhes proporcionam esse contato, que não lhe abrem essas e outras tantas trilhas para toda maravilha que é a caminhada pelo mundo mágico e encantado das letras.

Cabe aos adultos a tarefa de introduzir as crianças nesse universo encantado que é o mundo das letras. Se as crianças não estão lendo, não estão se interessando pela leitura, alguém deve estar se eximindo da sua obrigação que é apresentar esta janela para que as crianças adentre nessa aventura maravilhosa chamada leitura.

Tanto a escola quanto a família devem abrir os olhos e se atentarem para que as crianças venham a ter formação de qualidade. A leitura é indispensável para a inserção na cultura em que vivem. No entanto, para que isso aconteça é necessário que se crie hábitos de leitura, e isso é uma construção diária que deve ser implantada desde muito cedo na vida da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a caminhada percorrida e na certeza que muito ainda há o que se aprender, considerando a relevância do tema, que se descortina para vários caminhos, é preciso um olhar mais direcionado a participação da família na vida escolar do aluno, para que assim se possam alcançar melhores resultados durante o processo de escolarização, bem como uma referência para toda a vida.

As quantidades de material impresso que circula pela sociedade todos os dias nos conscientizam da presença que a leitura faz, induzindo-nos ela mesma a ler, ler muito daquilo que está escrito nas linhas, interrogando além delas as entrelinhas na busca de respostas formuladas pela agitação cotidiana (CORREA, 1994, p. 33).

Não se pode falar no valor da leitura, nem da sua importância para a vida sem ressaltar a ação prestimosa do ato de ler, pelo qual os símbolos gráficos, num primeiro instante, são transformados em oralidade. Essa dimensão não esgota o amplo sentido do ato de ler.

O leitor, ao situar-se no mundo do escritor, não só interpreta a realidade deste como a sua também. De fato, a compreensão das coisas e de si pode ser influenciada pelo conteúdo textual do mesmo modo que a interpretação desses pode vir a sofrer influências provenientes da realidade de quem lê.

A capacidade interpretativa e a qualidade da compreensão variam muito entre os sujeitos leitores que vivenciam situação de leitura. Extrair da mensagem escrita o assunto central requer envolvimento com o texto para descobrir, através do ato em si, os objetivos implícitos no mesmo.

O ato de ler envolve então uma direção da consciência para o referencial escrito, capaz de gerar pensamento e construir significado oferecendo-nos a possibilidade de encontrarmos identificação com a nossa maneira de ser, ver e pensar as coisas, encontramos também formas opostas à nossa visão de mundo, estabelecendo em nosso

interior momentos conflitantes que nos induzem a uma reflexão mais profunda acerca de nós mesmos.

O ambiente familiar também contribui muito para que a leitura seja uma atividade valorizada e efetuada com gosto. Pequenos gestos de incentivos à criança poderão refletir em grandes retornos na expressão escrita e falada. Mesmo assim ainda se faz presente, a concepção de pais que afirmam não gostar da leitura, o que dificulta então o envolvimento dessa criança para a experiência leitora. Observando que a criança precisa ser apoiada pelo adulto para descobrir que o prazer da leitura.

Assim, numa análise sobre a realidade sobre a leitura, constata-se que tanto professores quanto alunos são atingidos pelo desprazer com relação ao ato de ler, com raras exceções esse hábito é cultivado. Evidenciando uma questão muito séria que carece de ser analisada, considerando que se o professor não gostar de ler como irá desenvolver tal gosto nos alunos que já tem pais que também não se interessam pela leitura e nem pelo incentivo ao filho para ler?

Estabelece-se um círculo vicioso, querendo ou não ele transmite para o filho, para o aluno o seu descaso para com a leitura e o educando, por sua vez fará o mesmo, logo muitas pessoas serão influenciadas por essa ação negativa e prejudicial.

O professor e também a família precisam se conscientizar-se de que para o aluno/filho ele será sempre o “modelo”. Toda criança entra na escola com a esperança e expectativa de ser leitora. Para alguma isso acontecem logo, outras devem esperar muito tempo e algumas até desistem, mas a maioria delas jamais esquece as atitudes de seus professores frente à leitura.

A criança que for hoje iniciada nas atividades de leitura, de forma que se sinta cativada, será o leitor de amanhã, independente das funções que venha a ocupar na vida. Não podemos impor nossas vontades, mas oportunizar meios para o leitor descobrir suas propensões e interesses, na tentativa de ajuda-lo a construir seu eu pessoa, para tornar-se agente de transformações no mundo atual.

Foi objeto também deste estudo o incentivo da leitura no âmbito familiar e escolar, e tem-se a clareza de que quanto mais cedo a criança for influenciada para a leitura melhores resultados poderão ser obtidos no mundo letrado que vivenciamos.

A leitura representa um instrumento vital para a vida escolar, que permite reconhecer o mundo e reconhecer-se como sujeito ativo num mundo que clama por transformações.

A Literatura Infantil traz consigo muitos elementos significativos para a aprendizagem e desenvolvimento da criança. Usada de maneira correta, ela pode ser uma aliada importantíssima para os educadores. Mas é preciso que o professor faça com que seus alunos aprendam a apreciar os textos literários. E isso tem que se dar de forma prazerosa, envolvente e satisfatória.

É imprescindível que o professor trabalhe a leitura das mais variadas formas possíveis, usando todos os recursos disponíveis como leitura oral, com gravuras, leitura simples, espontânea, dramatizações com fantoches, histórias apenas apresentando o início e o meio, deixando que a criança crie o final, enfim, são muitas as maneiras de se trabalhar a literatura em sala de aula, basta um pouco de boa vontade e criatividade.

O trabalho que a escola desenvolve precisa da participação dos pais, envolvendo-se nessas questões, atuando como parceiros de uma aprendizagem que será ou não significativa para a criança.

Hoje, vivencia-se um processo de inclusão escolar, na tentativa de que todos tenham acesso ao conhecimento. Crianças com sérios problemas de aprendizagens estão na escola, na perspectiva de estratégias que possam sanar suas dificuldades. O professor não pode sozinho, assumir essa tarefa, que é de todos, especialmente da família.

Não se tem a pretensão de enveredar para o campo social, listando os diversos problemas que muitas vezes, afastam os pais da escola. O que se anseia é a presença desses no ambiente escolar, para uma gestão de envolvimento.

O presente estudo procurou assim demonstrar, revisitando conceitos sobre leitura, sua importância tanto no ambiente familiar quanto escolar, mas ainda há uma longa caminhada a ser trilhada por pais e professores, para que de fato possa alcançar a excelência de cidadãos letrados.

A leitura é uma atividade ampla e abrangente, que não se restringe apenas à palavra escrita. A identificação do leitor com o texto possibilita recriar a situação lida, concordar ou discordar com o que está escrito, conforme a visão e o conceito que ele tem a respeito do assunto, buscando, através deste, elementos para sua formação ou prática reflexiva. Através da leitura, o indivíduo encontra caminhos que o levam a questionamentos mais profundos acerca de si próprios refletindo no despertar de emoções ocultas ou conflitos mal resolvidos, colocando ante suas próprias dificuldades e problemas, auxiliando-o a melhor compreendê-los a até solucionar.

Assim, inúmeras são as contribuições que a leitura pode oferecer ao sujeito. Entretanto a mesma nem sempre é vista e tida com tal relevância ou muitas vezes é reduzida ao momento de leitura, desprezando o ambiente rico que a sala de aula oferece a experiência do aluno enquanto sujeito social e a presença da leitura em todos os momentos da vida do ser humano. Privilegia-se muitas vezes apenas a leitura do decodificar sinais, alheia ao processo de letramento tão valioso para que o aluno se perceba como sujeito de direitos, de buscas e de realizações.

A leitura tem se constituído numa temática de extremo valor para o ser humano, marcando presença desde os primeiros instantes de vida, pois, antes de conhecer os símbolos escritos, ele já lê a realidade que o cerca. Através da leitura, o indivíduo encontra caminhos que o levam a questionamentos mais profundos acerca de si próprios refletindo no despertar de emoções ocultas ou conflitos mal resolvidos, colocando ante suas próprias dificuldades e problemas, auxiliando-o a melhor compreendê-los a até solucioná-los. Oferece material a ser explorado sobre qualquer assunto referente às áreas do saber humano, servindo-lhe de auxílio quando necessário.

Ler tornou-se necessário em todos os momentos, seja para tomar conhecimento de um aviso, ler uma bula de remédios, um catálogo telefônico, o manual de instruções do microcomputador, ou qualquer outro aparelho.

Os produtos histórico-culturais são vivenciados e experienciados, em grande parte, por uma ação aprimorada do ato de ler dando oportunidades ao indivíduo de participar da experiência de outros, enquanto questiona aspectos da sua própria existência.

O leitor, ao situar-se no mundo do escritor, não só interpreta a realidade deste como a sua também. De fato, a compreensão das coisas e de si pode ser influenciada pelo conteúdo textual do mesmo modo que a interpretação desse pode vir a sofrer influências provenientes da realidade de quem lê.

Evidentemente que, por se tratar de uma temática complexa, muitos aspectos ficaram nesse trabalho, passíveis de maior aprofundamento, pois o assunto não se esgota em breves explicações.

E assim chegamos ao cabo. Provavelmente não alcançamos a solidez do pensamento dos mais célebres escritores da literatura sobre leitura e dos agraciados pelo dom da exteriorização ao papel, dos pensamentos filosóficos e científicos humanos, nem jamais sonharíamos com esplendor que tal. Mas, certamente, apresentamos a nossa

posição e colaboração acerca da matéria, que tem campos férteis para que pais e educadores possam debruçar sobre a questão diante das situações apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2006.

ANGOTTI, M. (organizadora): **Educação infantil: para que, para quem e por quê?** 3. ed. Campinas: Alínea, 2010.

BARBOSA, J.V. **Alfabetização e leitura**. São Paulo Cortez, 1992.

BRASIL. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: (Lei 9.394/96)** e legislação correlata / Coordenação André Arruda. – Rio de Janeiro: Roma Victor, 2009.

BECKER, Fernando; FARINHA, Sérgio; SCHEID, Urbano. **Apresentação de trabalhos escolares**. 3. Ed. Porto Alegre: Multilivro, 1993.

BEVILACQUA; M.C & MORET; A.L. **Deficiência auditiva: Conversando com familiares e profissionais de saúde**. São José dos Campos: Pulso Editorial Ltda, 2005.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1990.

____. **Alfabetização e linguística**. São Paulo, Scipione, 1995.

____. **Alfabetização e linguística**. São Paulo, Scipione, 2009.

CARVALHO, M. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2010.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

CITELLI, B. **Produção e leitura de texto no ensino fundamental: Poema, narrativa, argumentação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COELHO, Nelly N. **Literatura infantil: teoria análise e didática**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 1993.

CORREA, Toledo Hércules. **Repensando o português: um vinvular a leitura, a escrita e a gramática**. AMAE educando, 1994, n. 248, p. 32-34.

CULTURA INVESTIRÁ R\$ 373 MILHÕES PARA AUMENTAR ÍNDICES DE LEITURA. Disponível <em//www.brasil.gov.br/>. Acesso em 16 mar. 2014.

FERREIRA, A. B. H. 1910-1989. **Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa** 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FIGUEIREDO, R. – ROCHA S. – GOMES, A. **Práticas de leitura no contexto da escola das diferenças**. Fortaleza: Edição UFG, 2010.

FERNANDES, Maria; SEBASTIAO Andreu. **Os segredos da alfabetização**. São Paulo: Ediouro, 2001.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FRASE E PROVÉRPIO. Disponível em: <<http://www.fraseseproverbios.com/frases-de-bill-gates.php>>. Acesso em 12. Mai. 2014.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2001.

____. **Educação e Mudanças**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

____. **Educação como prática da liberdade**. 14. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

____. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

GADOTTI, Moacir. **Sistema municipal de educação**: estratégias para a sua implantação. Brasília, 1998.

JOLIBERT, J. **Formando crianças produtoras de textos**. Trad. Walkiria M. F. Settineri e Bruno Charles Magne.

Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez; 1988.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 8ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LITWIN, Edith. **Entrevista concedida ao Educador**. Publicada dia 08/05/2009. Disponível em <http://www.educador.com.br/entrevistas/educador-educar-2009/entrevista-com-edith-litwin/> Acesso em 13. Mai.2014.

MINISTERIO DA CULTURA. **Índice de leitura no Brasil cresce mais de 150% em dez anos, mas ainda é pequeno segundo editores**, disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/>>. Acesso 16 Mai.2014.

MENIN, Roland. **Fragments de um discurso amoroso**. 5. ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1995.

MORAIS, J. **Revista Pátio ensino médio profissional e tecnológico**. ANO IV Dezembro de 1996.

MORTATTI, M. R. L. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

NÚMERO DE LEITORES CAIU 9,1% NO PAÍS EM QUATRO ANOS, SEGUNDO PESQUISA. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia>>. Acesso em 31. Mai.2014.

OLIVEIRA, Maria Alexandre. **A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos de ensino**, 2007, 196 f. tese de (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo; São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Z.M. R **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 7. Ed. – São Paulo: Cortez. 2011.

RADINO, Glória. **Oralidade: um estado de escrita**. Psicologia em estudo, Maringá, v. 6, n.2, p. 73-79, jul/dez.2001.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. A importância da imagem dos livros. In: _____. A criança e o livro. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

SAVIANI, Dermeval. **Sistema de educação: subsídios para a conferência nacional de educação**. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/conae>> . Acesso em: 4 maio, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Papyrus, 1992.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. – porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, J. V. A. **Introdução a sociologia da educação** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1993.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 2.ed. São Paulo: Global, 1982.

YUNES, E. (Org.). **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

A autora

KEILA CARDOSO FURQUIM



Keila Cardoso Furquim é Mestre em Administração e Ciência Contábeis; Especialista em Gestão Executiva e Consultoria Organizacional MBA; Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior; Especialista em Metodologia e Gestão para Educação a Distância; Especialista em Administração Hospitalar Saúde e Bem Estar Social; Graduada em Administração e Graduada em Pedagogia. Conselheira do Conselho Regional de Administração de MT (CRA-MT), por duas gestões, mandato (2019-2022 e 2023-2026) e Membro da Diretoria Executiva como Diretora de Fiscalização e Registro do CRA-MT por três mandatos (2019-2020, 2021-2022, 2023-2024). Gestora da Faculdade Anhanguera Educacional Polos de Rondonópolis -MT, Gestora da Evolve Educacional, Gestora do Instituto Mix Unidade de Rondonópolis MT. É CEO da KLL Joias e Professora Universitária.




Editora
MultiAtual

ISBN 978-656009085-9



9 786560 090859